



3070 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd (2018)
GT 03/GT 06 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos e Educação Popular

PADRINHO SEBASTIÃO, FILÓSOFO E EDUCADOR DA FLORESTA AMAZÔNICA
Maria Betânia Barbosa Albuquerque - UEPA - Universidade do Estado do Pará

PADRINHO SEBASTIÃO, FILÓSOFO E EDUCADOR DA FLORESTA AMAZÔNICA

Resumo

O texto analisa a trajetória de vida e os saberes de Sebastião Mota de Melo (Y1920 - V1990), seringueiro amazonense que atendia grande número de doentes em função de suas faculdades mediúnicas, seus dons de reza e cura. Conhecido como "Padrinho Sebastião", tornou-se importante líder religioso a partir de sua iniciação na religião do Santo Daime. Embora analfabeto era, contudo, dotado de profunda sabedoria e um carisma para o ensino. As diversas funções que desempenhou como *mateiro*, *construtor de canoas*, *músico*, *rezador*, *parteiro* e *curandeiro* renderam-lhe múltiplos saberes. O texto objetiva analisar sua formação e seus saberes a partir da pesquisa bibliográfica e de entrevistas com pessoas que com ele conviveram. Teoricamente, apoia-se nos conceitos de *educação como cultura* de Carlos R. Brandão (2002), na ideia de *saberes da experiência* de E. Thompson (1981), bem como em Boaventura Santos (2008), em sua análise crítica sobre a subalternização de atores e práticas sociais que escapam aos cânones da racionalidade moderna ocidental, tal é o caso dos processos educativos cotidianos que emergem da experiência de indivíduos marginais como Sebastião.

Palavras-Chave: educação; filosofia; saberes; Amazônia

PADRINHO SEBASTIÃO, FILÓSOFO E EDUCADOR DA FLORESTA AMAZÔNICA

Introdução

Trata-se este texto de uma reflexão sobre a trajetória de vida, a educação e os saberes de Sebastião Mota de Melo (Y1920 - V1990), seringueiro amazonense nascido no contexto de uma Amazônia envolta na crise dos seringais do início do século XX.

A necessidade de sobrevivência, em face a um cotidiano marcado pelas práticas de trabalho árduo, contribuiu para que Sebastião não frequentasse escola e só viesse a aprender a ler com quase 50 anos de idade. De espírito corajoso, a lida diária transformaram-no, em sua juventude, em exímio *mateiro*, caçador, agricultor, construtor de casas e canoas. O cotidiano de um seringueiro foi assim resumido:

O seringueiro começa sua atividade às quatro da madrugada e às vezes entra pela noite pois além do corte e da colha da seringa tem que defumar o látex para fazer as bolas de borracha, conhecidas por *pelas*. As sobras do dia são usadas para cuidar do roçado, pescar, caçar (MORTIMER, 2000, p. 24).

Sebastião vivia essa lida diária, "produzindo borracha que nunca dava de pagar as contas para o patrão e tirar algum saldo". Após a jornada da seringa, "agarrava o terçado e a enxada e o tempo era para o canavial e para um partido de seis mil pés de macaxeira, o forte de sua lavoura" (MORTIMER, 2000, p. 31). A vida dura nos seringais era, contudo, suavizada pela viola que rolava livre nas festas locais, ocasião em que substituíam a sanfona do velho Manoel Mota, seu pai, configurando este como mais um de seus saberes: a música.

Um episódio, contudo, imporia mudanças em seu cotidiano: o quadro de doença mental de sua mãe, dona Vincença. Em busca de ajuda, Sebastião chegou até um curandeiro que, ao conhecê-lo, detectou seus dons mediúnicos até então ignorados. Desse modo, saberes mediúnicos e de cura passam a compor, também, o rol dos seus saberes.

De acordo com os estudos de Goulart (2002), entre os anos de 1920 a 1940, a exploração do látex na Amazônia sofreu um forte refluxo, ocasião em que vários seringais foram desativados e muitos seringueiros se deslocaram para os centros urbanos em busca de outras ocupações. Este foi o caso de Sebastião Mota que em 1958 deslocou-se com toda sua família do Juruá (AM) para Rio Branco (AC), tanto em busca de melhores condições de vida, como em busca de um destino profetizado pelo curandeiro que lhe dissera que no Acre outras experiências o aguardariam, alterando profundamente o curso de sua história.

Habitando já na periferia de Rio Branco logo foi descoberto em seus dotes de curador, passando a tratar diversas pessoas até que ele próprio adoeceu gravemente. Na busca de ajuda, chegou até Raimundo Irineu Serra conhecido por atender as pessoas utilizando uma bebida chamada *daime*, resultante da infusão de plantas da Amazônia. Sentindo-se curado com esta medicina da floresta, tornou-se seguidor do Mestre Irineu. O envolvimento e interesse em aprender a nova doutrina, o levou a construir seus próprios saberes acerca das plantas que compõe o *daime* e sobre o processo de feitura da bebida, (saberes de feitor), atributo de poucos. Aprendeu, ainda, a cantar e tocar os hinos do *daime*. Todas essas habilidades, somadas a um carisma pessoal, rendeu-lhe, após a morte do Mestre, o título de *Padrinho* e líder religioso de uma comunidade de pessoas que o seguem até os dias de hoje, a despeito de sua morte nos anos de 1990.

A construção de uma trajetória de vida curta, porém permeada por múltiplos saberes levou-me a flagrar Sebastião Mota como um sujeito singular (GINZBURG, 1998) que, a despeito de sua condição social como sujeito marginal, juntou em torno de si uma constelação de seguidores espalhados por diversos Estados brasileiros, mas também em diversos países do mundo onde existe a religião do Santo Daime. Resta saber como Sebastião, em sua trajetória de vida, formou-se a si mesmo ao tempo em que construiu múltiplos saberes que foram transmitidos e ensinados a inúmeros seguidores? Nesse sentido, o texto tem como objetivo refletir sobre os processos de formação/educação de Sebastião, bem como destacar alguns dos saberes que construiu na Amazônia entre as décadas de 1940 a 1990 do século XX.

A visada à história de vida de um indivíduo singular, em sua marginalidade sociocultural, insere o estudo na veia da micro história (GINZBURG, 1998). Com base nos pressupostos da história oral pretende-se o mapeamento dos saberes de Sebastião, considerando o recorte de narrativas orais de parentes e amigos que com ele conviveram[1]. A história oral se insere no âmbito da nova história cultural em suas preocupações não apenas com o pensamento das elites, mas também com as ideias de todos os grupos sociais, em especial das classes populares com suas experiências cotidianas, sentimentos, memórias, saberes, permitindo "reconhecer e dar valor a experiências silenciadas" (THOMSON, 1997, p. 70) ou tornadas ausentes (SANTOS, 2008).

Teoricamente, apoia-se nos conceitos de educação como cultura de Carlos Rodrigues Brandão (2002), na ideia de saberes da experiência do historiador E. Thompson (1981), bem como nos escritos sociológicos de Boaventura Santos (2008), em sua análise crítica sobre a subalternização de atores e práticas sociais que escapam aos cânones da racionalidade moderna ocidental, tal é o caso dos processos educativos cotidianos que emergem da experiência de indivíduos marginais como Sebastião.

A formação de um seringueiro em líder religioso, filósofo e educador

A possibilidade de pensar um seringueiro analfabeto como líder religioso, filósofo e educador requer, de início, profunda revisão da Pedagogia, de seus sentidos e entendimentos acerca do "educativo" e do próprio educador. A revisão é necessária dada a tendência a se restringir a concepção de educação ao território da escolarização formal. Todavia, ao acionar a ideia de uma pedagogia cultural é possível admitir processos educativos que extrapolam, amplamente, tais territórios e reconhecer a existência de múltiplos "lugares de aprendizagem" (ELLSWORTH, 2005).

Em seu livro *Places of Learning (Lugares de Aprendizagem)*, Ellsworth (2005) compreende a pedagogia como importante articuladora de processos educativos imbricados na cultura. Segundo essa perspectiva, vivemos em uma sociedade permeada pelo pedagógico sendo submetidos a processos contínuos de educação mediados por diferentes instituições e espaços, ativamente implicados com práticas e experiências que visam ensinar alguma coisa. Para Wortmann, Costa e Silveira. (2015), o livro *Places of Learning*, ao ressaltar a dimensão pedagógica da vida social contemporânea, contribui para ampliar o olhar sobre variados espaços culturais como lugares de educação, bem como para o entendimento das relações de ensino e aprendizagem como amplos processos culturais.

Considerar a existência de relações de ensino e aprendizagem em diferentes nichos sociais regulados pela cultura, permite, assim, entendimentos alternativos sobre pedagogia abrindo possibilidades para se considerar espaços como quintais, igrejas, práticas de trabalho e de convivência social como pedagógicos. Tal é o caso do processo formativo de Sebastião Mota todo ele construído em sua experiência de vida, trabalho e religiosidade.

A noção de experiência do historiador inglês Edward Thompson, articulada ao campo da educação, contribui para "alargar a possibilidade de pensar a formação além dos estreitos limites da escola, sem, no entanto, desconsiderar a importância desta" (BERTUCCI; FARIA FILHO; OLIVEIRA, 2010, p. 11). É que para o historiador, "os sujeitos se constituem, ou seja, se formam, se educam, nas mais diversas circunstâncias em que vivem, seja no mundo do trabalho, da família, da comunidade de pares, do lazer, entre muitos outros" (BERTUCCI; FARIA FILHO; OLIVEIRA, 2010, p. 11-2). Procuro, assim, rastrear os indícios de como Sebastião fez-se a si mesmo, forjando sua história como indivíduo no contexto de uma dada sociedade e tempo histórico, contribuindo, ainda, para a formação de outras pessoas que o seguem até os dias de hoje.

Para compreender seu processo formativo, é necessário destacar acontecimentos marcantes que forjaram uma formação moral e religiosa, esteio de sua história. Um deles foi seu casamento com Rita Gregório, que, como muitos nordestinos, emigraram para a Amazônia visando o trabalho nos seringais. A reabertura dos seringais foi ordenada pelo então Presidente Getúlio Vargas dado o contexto da segunda guerra mundial que impulsionou a valorização da borracha para atender o mercado internacional.

Após o casório em 1946 Sebastião passa a morar na casa da esposa, junto ao sogro Idalino e demais membros da família num seringal chamado Adélia. De um profundo fervor evangélico, seu Idalino não descuidava da leitura bíblica e dos ensinamentos cristãos (MORTIMER, 2000). Sebastião, que sempre fora curioso pelas coisas espirituais, apreciava esses ensinamentos que constituíram os rudimentos de uma educação moral mediada pelo sogro, seu primeiro "professor".

Outro "professor", contudo, imprimiria sua marca na formação de Sebastião. Trata-se do curandeiro mestre Osvaldo que, ao ser chamado naquele ermo amazonas para tratar da doença mental de sua mãe, identificaria nele seus dons mediúnicos. Lúcio Mortimer recupera a memória desse encontro e das descobertas que viriam a alterar radicalmente a rota de Sebastião:

Você é um médium. Precisa trabalhar e desenvolver este dom. Eu posso ver muito mais e por isso lhe garanto: você tem uma missão e veio ter comigo não foi por acaso. Eu lhe ensinarei muitas coisas e você vai além de mim, se Deus quiser! (MORTIMER, 2000, p. 28).

Desse modo, na região do Jurúá (AM) mestre Osvaldo deu sequência à formação de Sebastião ensinando-lhe a desenvolver sua mediunidade e a trabalhar com o espiritismo kardecista, profetizando, ainda, uma missão a cumprir nos tempos vindouros. Com este "professor", Sebastião aprendeu a realizar trabalhos de banca espírita incorporando os espíritos do Dr. Bezerra de Meneses e de um tal professor Antônio Jorge (FRÖES, 1986). Tais trabalhos cumpriam papel importante numa Amazônia desassistida de atendimentos médicos e espirituais.

Após ser iniciado na ciência da cura, mestre Osvaldo deu-lhe novas instruções acerca de outras paisagens a serem visitadas, onde descobriria coisas que o levariam ainda mais longe em seu aprendizado. Em tom solene profetizou: "Vá para o Acre!" (MORTIMER, 2000, p. 29). Dessa forma, motivado por melhorias materiais de vida, mas, sobretudo, por anseios espirituais, em 1958 Sebastião partiu com a esposa e filhos para o Acre, dirigindo-se à localidade chamada "Colônia Cinco mil" onde já moravam os pais de Rita.[2]

Na nova localidade, também Sebastião batalhava arduamente o pão diário. O trabalho material era, contudo, intercalado com os trabalhos de cura e atendimento à comunidade que logo ficou sabendo de seus saberes de curandeiro sendo muito procurado para resolver "problemas físicos, mentais, espirituais e até familiares" (FRÖES, 1986, p. 88).

A vida cotidiana era, assim, marcada pela inter-relação desses trabalhos até que uma doença súbita quebraria a rotina impondo a Sebastião mudanças radicais em seu trajeto. A busca de ajuda para as perturbações gástricas que sentia levava-o até um afamado curandeiro que realizava trabalhos espirituais na periferia de Rio Branco com uma bebida psicoativa chamada ayahuasca ou daime.[3]

A religião do Santo Daime foi fundada pelo também seringueiro Raimundo Irineu Serra (1892-1971), maranhense que migrou para a Amazônia no início do chamado período da borracha e em suas vivências consumiu a ayahuasca das mãos de um curandeiro peruano na região fronteiriça entre o Brasil e Bolívia, nos idos de 1920. Ao longo de suas experiências com a bebida, Raimundo Irineu obteve revelações sobre seus poderes curativos, bem como os ensinamentos que o capacitariam ao título de curador e Mestre de uma missão espiritual no contexto de uma Amazônia em crise, dado o refluxo da economia da borracha e a consequente crise dos seringais.

Sentindo-se curado, Sebastião não teve dúvidas do poder do Mestre e dessa medicina (o daime). A nova relação estabelecida com o culto impactou profundamente as aprendizagens de Sebastião posto que passaram a ser mediadas por um novo "professor", desta vez não humano, mas de origem vegetal: o daime. Com isso, embora Sebastião tenha tido em sua trajetória diversas experiências de aprendizagem, o contato com essa bebida levaram-no a reconhecer no daime o seu maior professor. Aquele que o iniciou nos mistérios mais profundos da vida pois, conforme afirmou: "na vida espiritual, pode ter igual, mas que tenha mais conhecimento do que o nosso Daime, eu duvido" (apud ALBUQUERQUE, 2009, p. 34).

Considerado na religião do Santo Daime como o mestre de todos os ensinamentos, o daime passa a ser, assim, a fonte dos saberes e aprendizagens de Sebastião. Entre estas, destaca-se o aprendizado da leitura que teria ocorrido durante a realização de um ritual de daime. Conforme relata Lúcio Mortimer (2000, p. 80) depois de ingerir a bebida Sebastião Mota "começou a ver letras e uma voz dando explicações de como juntá-las formando sílabas e finalmente as palavras. Com grande surpresa e satisfação aprendeu o mecanismo da leitura em um trabalho de Daime, numa mirração".

Paralela às idas à igreja do Mestre, conhecida como Alto Santo, Sebastião passou a realizar seus próprios trabalhos com o daime em sua casa na Colônia Cinco Mil, cercado de parentes, amigos e vizinhos. Paulatinamente, foi se forjando uma liderança religiosa assentada no "fato de ser espírita, homem de trabalho e exemplo de vida familiar" (MORTIMER, 2000, p. 67), passando a ser reconhecido, tal como Mestre Irineu, como um Padrinho.

Após a morte de Raimundo Irineu, em 1971, Sebastião tomou para si a continuidade da tarefa de construir a Nova Jerusalém na floresta. Desse modo, fundou em 1974, na Colônia Cinco Mil, o Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (CEFLURIS), configurando uma linha

própria no âmbito da religião do Santo Daime. Conhecida como a Linha do Padrinho, abriga em seu interior uma diversidade de centros daimistas que têm, entre suas características, a convivência com diferentes cosmologias tais como o xamanismo, o cristianismo, o esoterismo, o espiritismo e a umbanda, configurando uma prática religiosa intercultural. Outra característica é seu caráter expansionista evidenciado pela existência de centros em diversas partes do Brasil e do exterior.[4] Surge, assim, uma rede de sociabilidade, liderada por um sujeito simples, socialmente marginal, não escolarizado, trabalhador dos seringais da Amazônia e portador de múltiplos saberes, muitos dos quais apreendidos a partir dos ensinamentos de plantas professoras, como o daime.

Saberes do Padrinho

A pedagogia das plantas professoras, contudo, tem sido negligenciada tanto pelas pesquisas que envolvem o campo dos psicoativos, quanto pela ciência pedagógica clássica (a Pedagogia). Esta, quando pensa a educação, tende a reduzir seu sentido ao território da escolarização formal, da escrita, dos livros e do professor em sua forma humana. Em vista disso, as experiências de aprendizagens construídas a partir de outras lógicas tendem a ser produzidas como ausentes ou, quando aparecem, estão comumente envoltas em situações de preconceito e subalternização.

A sociologia das ausências é o procedimento pelo qual é possível dar visibilidade à diversidade epistemológica do mundo (SANTOS, 2008). Trata-se de uma "investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, ativamente produzido como não existente, isto é, como uma alternativa não-credível ao que existe". Seu objetivo é então, "transformar objetos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças" (SANTOS, 2008, p. 102) de modo a visibilizar, neste caso, modos outros de ensinar e aprender, para além da escola.

A restrição do conceito de educação ao território escolar é parte de uma trama político-epistemológica que visa o silenciamento, a subalternização ou o epistemicídio de uma diversidade de formas de aprender, bem como de seus agentes, muitos dos quais não passaram pelos bancos escolares. Tal é o caso de Sebastião Mota, cujos saberes não estão alicerçados nos bancos da escola ou dos livros, mas de um outro tipo de inteligência: "uma inteligência sutil, cheia de nuances, de descobertas iminentes, uma inteligência leve e viva que se revela sem se dar a ver, em suma, uma inteligência bem comum" (GIARD, 2009, p. 220). Desse modo, ainda que desescolarizadas, as pessoas não são meras consumidoras ou reproduzoras dos produtos culturais impostos, posto que, com base em suas experiências, inventam, negociam, constroem táticas de sobrevivência, produzem saberes por meio dos quais dão inteligibilidade ao mundo, transmitindo-os a outras gerações. Essas gentes, escreve Brandão (1985, p. 20), "criam as suas próprias estruturas de socialização, formam e consagram os seus próprios mestres e reproduzem, com os instrumentos e artifícios de sua própria educação, a sua sabedoria".

Os estudos existentes sobre Sebastião Mota, bem como os depoimentos dos narradores em entrevistas, dão a entender a multiplicidade de seus saberes. Um dos primeiros a se destacar é o de mateiro, que exprime uma habilidade de andar na mata sem se perder, reconhecer os caminhos, identificar árvores e plantas. A mata apresenta-se, na realidade, como locus fundamental de suas aprendizagens, sua primeira "professora". Intimamente relacionado a essas habilidades estão os saberes práticos como: caçar, pescar, fazer carvão, construir casas, remos e canoas. Sobre as canoas, o próprio Padrinho afirma este saber, mesmo não tendo aprendido na escola a fazer "um Ó" que seja:

Pois é, meu amigo, eu não aprendi fazer um 'O' com um canudo. Pra ter um 'O' bem redondinho! Com canudo já é mais fácil, né? Pra mim é luta. Mas fazer canoa de uma árvore, eu sei. Já um sabidão em letra, ele não sabe! Já eu pego um pau, faço um casco, entro dentro dele e vou-me embora pro outro lado do rio e o cara... se souber nadar, vai. Se não sabe... não vai. Fica do lado de cá! (apud ALVERGA, 1998, p. 201-2. Grifo meu).

A construção de canoas implicava, também, conhecer as espécies adequadas de madeiras, conhecimento todo ele pautado na atenção e observação. Assim que uma madeira era identificada como boa

ele ia estudar a madeira, pois tinha que ser uma madeira sem defeito nenhum. Não podia ter broca por dentro, não podia ter rachadura, porque senão aquela madeira tava condenada, não dava pra fazer canoa. Mas quando ela achava uma boa ele ficava feliz, aí pegava essa madeira, esse pauzão grande, grosso e aí ia começar a lavar ele, bem lavradim, tudo na enchô. Nesse tempo nem motosserra tinha. Era no enchô, no machadinho, cê trabalhava dos lado tudin, fazia aquelas cava no meio da madeira com enchô, bem cavado, fazia os buraco com trado de madeira pra saber a grossura que tinha que ficar, porque a parte do fundo é mais grossa, as partes laterais são mais finas. Aí depois de trabalhar nisso tudo, se chamava o pessoal da comunidade, os homem tudinho, porque tinha que fazer um estaleiro, pegar essa madeira de grande porte e embarcar ela de boca pra baixo, aonde ele tinha feito aquela abertura no meio da madeira, porque a partir dali botava um foguinho embaixo e através de foguilhos ia abrindo, ia abrindo e aquele foguinho embaixo, um fogo não muito forte, só pra esquentar a madeira e aquilo passava dias abrindo aquela madeira até ela tomar o formato duma canoa (Louro, Entrevista, abril, 2018).

Seu saber prático, todavia, mesclava-se a outro, de natureza estética, a música uma vez que a vida no seringal "não era só trabalho e dureza" (MORTIMER, 2000, p. 17). Tendo herdado do pai o gosto pela música, Sebastião:

passava horas dedilhando o velho violão nas folgas das emocionantes pescarias e caçadas ou depois de um suado dia no roçado ou na seringa. De vez em quando acontecia alguma festa pela região e o velho Manoel Mota era peça indispensável, com sua sanfona dos tempos do Ceará. Sebastião ia junto. Lá pelas tantas da noite, quando o pai estava cansado e o povo ainda no embalo de muitas doses, ele agarrava a viola e mantinha a animação em ponto alto (MORTIMER, 2000, p. 17).

Entretanto, foi ainda na infância que se manifestaram os saberes pelos quais se tornaria conhecido até os dias de hoje: os saberes religiosos. O convívio com o sogro evangélico, seu Idalino, lhe proporcionou uma base de conhecimentos sobre os ensinamentos de Jesus constantemente recitado em ritual doméstico. Posteriormente, "com mestre Osvaldo aprendera a trabalhar na fé do espiritismo kardecista" (MORTIMER, 2000, p. 34).

Os saberes religiosos emergiram, contudo, muito cedo na vida de Sebastião posto que desde tenra idade "tinha sonhos revelatórios e algumas visões estranhas quando andava solitário pelas matas", fatos que lhe acarretavam angústias e sofrimentos" (MORTIMER, 2000, p. 28). As habilidades mediúnicas de visão, audição e comunicação com o mundo dos espíritos foram assim relatadas por ele:

Eu, desde o meu nascimento que vim cheio de doença. Eu não tinha saúde. E vinha vivendo sempre, sempre desta maneira. Daí começou umas vozes que chegavam onde eu estava, me mostrando uma coisa exata. Era como uma pessoa que dizia pra mim que ia chegar. Eu corria e contava pra mamãe. Mas ela não ligava (apud ALVERGA, 1998, p. 55).

Como afirma o narrador, sua mãe não ligava para seus relatos misteriosos, tampouco ele parecia ter consciência do fenômeno, conforme descreve:

A minha vida de quinze anos em diante, lá no Amazonas, era ver visão: da água, da mata e do astral. Mas nada daquilo eu compreendia e tudo era como se fosse um sonho... Eu não ligava para aquilo, fazia como um teimoso, mas acontecia e logo eu via o resultado. Foi indo e eu comecei a voar. Voando e vendo como é o astral eu entrava na floresta, nas águas e de conformidade eu via as visões (apud FROES, 1986, p.5).

A ignorância de tais fenômenos permaneceu até o momento em que, nas matas do Juruá, um conhecedor da ciência espírita o descobriu em seus dons. Trata-se de mestre Osvaldo curandeiro procurado para ajudar na saúde da mãe de Sebastião. Esse histórico encontro proporcionou-lhe o aprendizado de múltiplos saberes, com destaque para os saberes mediúnicos vivenciados nas práticas de mesa branca em que, com o concurso dos espíritos, auxiliava doentes e necessitados em busca de cura. Desse modo, conectado aos saberes religiosos, marcados pela prática da reza, estavam, também, os saberes medicinais ou de cura pois, “conforme o caso das pessoas que chegavam doentes para o mestre Osvaldo, ele despachava para o padrinho Sebastião fazer a cura”.

Ao ser indagada se o Padrinho rezava em crianças, dona Maria assevera: “Ave Maria, demais! pelo menos a minha filha chegava lá morta. Só ele rezava demora essa menina tava correndo. A casa dele era cheia de mulher trazendo filho pra rezar. Sabiam que ele sabia rezar e iam bater em cima” (Entrevista, out./2015). Vale lembrar, que curar por meio da reza era prática comum na Amazônia. Segundo Fróes:

A função do rezador é muito importante em toda a região Amazônica, pois a maioria dos habitantes dos seringais não dispõem de outras opções de tratamento e essa forma de medicina tradicional existe desde as épocas mais remotas, prevenindo certas doenças, aliviando o sofrimento e provendo a sua cura (FRÓES, 1986, p. 52).

Quando, posteriormente, Sebastião Mota se mudou do Amazonas para o Estado do Acre, ele também se tornou o principal curador da sua localidade conhecida como Colônia Cinco Mil onde era muito procurado para resolver “problemas físicos, mentais, espirituais e até familiares” (FRÓES, 1986, p. 88). Sua fama era conhecida como “rezador em crianças, picadas de cobra e partos difíceis” (FRÓES, 1986, p. 88). Neste aspecto, em particular, fica-se conhecendo mais um de seus saberes, os saberes de parteiro conforme se constata no depoimento abaixo:

Pelo menos eu tive um, que eu tive uma história muito séria. Eu fiquei grávida e com 6 meses levei uma queda. Seis, sete meses fui ficando ruim, ruim. Com oito meses parecia que tava sofrendo, aí eu fui lá chamei ele, ele veio trouxe o Daimé, eu tomei, eu morava na Colônia, nem me lembrava de ir pra rua, uma fé que eu tinha nele sabe? que graças a Deus eu tive o menino que nasceu morto (Maria, Entrevista, out./2015).

Na realidade, os narradores dizem que Sebastião não realizava, propriamente, o trabalho de parto. Contudo, “às vezes a parteira tava apereada, aí chamava Sebastião que chegava e resolvia a história. Acontecia, então, que às vezes tava demorando a nascer e a parteira chamava Sebastião pra vir. Aí chegava, fazia uma oração por ali... e nascia mais ligeiro” (Valdeci, entrevista, out./2015).

Vera Fróes (1986) comenta que o mergulho profundo de Sebastião na prática espiritual da caridade “começou a exigir uma transformação também ao nível da vida material das pessoas que participavam dos rituais”. Desse modo, a partir do ano de 1976 a Colônia Cinco Mil passou a vivenciar a “experiência comunitária, através da união de 25 colônias ao redor, num total de 380 hectares, congregando 45 famílias de ex-seringueiros e agricultores”. Teve início, então, em plena floresta amazônica um estilo de vida comunitário em estreita conexão com a vida espiritual centrada no daimé:

Formar uma comunidade foi uma consequência do trabalho espiritual. Não podia haver um trabalho onde de noite éramos irmãos e no dia seguinte agíamos como vizinhos, eu tenho o meu terreno e você tem os seus animais, que não atravesse os seus animais no meu terreno (DANIEL LOPES, apud FRÓES, 1983, p. 67).

O projeto comunitário punha fim à propriedade privada da terra típica do capitalismo, tornando-a coletiva posto que as colônias particulares foram doadas para a instituição CEFLURIS. Desse modo:

a terra sendo propriedade da comunidade, o resultado da produção também passou a ser comum, havendo uma divisão igualitária, de acordo com número de pessoas existentes em cada família. A nova organização da produção levou a uma nova divisão do trabalho, através de setores especializados (FRÓES, 1986, p.67-8).

Padrinho se destacava, portanto, em seus saberes políticos-sociais a partir de uma prática de vida pautada em valores comunitários, contrários à lógica consumista das sociedades modernas. Tal fato despertou a curiosidade de muitos forasteiros que, embalados pelo sonho de uma sociedade alternativa, típica do movimento hippie dos anos de 1970, cruzaram o Brasil e a Amazônia atrás dos ensinamentos do Padrinho.

Complexificando sua formação, destacam-se, ainda, influências esotéricas obtidas, provavelmente, a partir do contato com os hippies que levaram em suas bagagens livros sobre ocultismo lidos para ele em voz alta, já que Sebastião Mota não sabia ler. Há indícios de que um desses mochileiros lera para o Padrinho os livros de Jorge Adoum (1897-1958), libanês, médico e escritor conhecido como Mago Jefa, que legou à posteridade grande acervo de obras iniciáticas que ressaltam a força interior do homem e a necessidade dele ativar em si mesmo seus pendores superiores. No trecho abaixo, de Jorge Adoum, é possível conferir a semelhança com as ideias do Padrinho expressas em um conjunto de preleções que deixou gravadas e que conformam um projeto filosófico.[5]

Deus é o homem invisível e o homem é Deus visível. Deus é o espírito incorpóreo, o homem é o espírito encarnado. [...] Eu não posso existir sem Deus e Deus também não pode existir sem mim porque sem mim Ele seria incompleto, seria imperfeito, sendo imperfeito, não poderia ser Absoluto (ADOUM, 2001, p. 11-2).

Alverga (1998) conjectura sobre a possibilidade de, tal como o Mestre Raimundo Irineu, Sebastião Mota ter sido filiado ao Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, com sede em São Paulo, o qual, por meio de correspondências, fazia circular sua proposta filosófica por diversas localidades do Brasil, incluindo a Amazônia, derivando daí o acesso, por exemplo, às obras de Jorge Adoum.

Em seus saberes filosóficos Sebastião Mota reafirma a ideia de um Deus em relação interna com o Ser, que habita o próprio indivíduo. Dizia ele: “Deus é a cabeça de Cristo e Cristo é a minha cabeça. Sou um Cristo vivo”. Para ele, “o Cristo verdadeiro é isto mesmo que nós somos” e que o melhor lugar para se achar Deus é “dentro de si próprio” (apud ALBUQUERQUE, 2009, p. 29-30).

No contexto do chamado movimento psicodélico que marcou os anos 50 e 60 do século XX, também se destacou as ideias de Aldous Huxley (2008), que chamavam a atenção para a necessidade de uma terapia psicodélica à cultura humana, como forma de libertação de uma situação política pós-guerra ligada ao conformismo e ao crescente problema do consumismo. Em sintonia com tais ideias, a filosofia do Padrinho afirma que Deus está em tudo e em todas as coisas. Dizia, inclusive: “Vejo Deus em todos, vejo Deus na vida, sou vivo, sou Deus!”. Em seu pensamento, o uso de psicoativos como o daimé aparece como uma possibilidade efetiva de o sujeito reencontrar a divindade que habita dentro de si mesmo, na direção da reflexão sócrática sobre o autoconhecimento, este, aliás, um dos seus temas prediletos.

Sob determinados aspectos é possível, então, estabelecer analogias entre a contracultura dos anos de 1960 e o pensamento de Sebastião Mota. O movimento contracultural postulava, por exemplo, as energias do êxtase como forma de “expansão explosiva do eu para o exterior das suas fronteiras quotidianas” (FONTES, 2008, p. 24). Guardadas as devidas especificidades históricas, Sebastião Mota também advogava o uso do daimé como mediador potencial do contato com outras realidades da consciência. Postulava, ainda, a possibilidade de um estilo de vida livre das amarras do consumismo, típicas do capitalismo.

Entre os tantos hippies que andaram em busca de Sebastião Mota estava Maurílio Reis que, segundo ele mesmo relata, nos “anos de 1975 chegava a Colônia Cinco Mil, vinha da estrada, cabeludo, sem calçado, com uma só peça de roupa e com uma esperança de poder nascer de novo”. Maurílio Reis revela que a vida de Sebastião Mota era bastante rude:

Levantava as três horas da manhã e as quatro já tinha as vacas presas, as seis com o leite já fervido e todo mundo pronto, começavam os serviços de plantar arroz, colher feijão, limpar a roça, quebrar o milho, vedar o açude, descascar a roça, fazer a farinha.... E assim era todo dia. [6]

Foi em meio a essa lida cotidiana que Sebastião Mota exerceu o ofício que interpretei como sendo o de filósofo da floresta. Segundo atestam as palavras de Maurílio Reis:

Todo o tempo era de aprendizagem de como se portar na vida, como acreditar na existência, como se tornar um homem de luz, e como amar aos outros e a vida. Tinha a liberdade no falar, as palavras em sua boca se tornavam fortes quando necessário, amorosa quando se tinha carinho e profética nas revelações. Todo o tempo era de aprender, todo o dia era de escutar os ensinamentos e a vida se tornava mágica porque o Padrinho fazia dela uma magia (apud ALBUQUERQUE, 2009, p. 18).

Assim, em conexão com os saberes religiosos estão, também, os saberes filosóficos evidentes em suas máximas, conselhos, orientações práticas para o bem viver que configuram uma pedagogia do cotidiano. Retomando as ideias de Thompson (1981), é possível afirmar que seus valores e saberes foram forjados no seio da experiência, entendida como essencial para a produção e perpetuação da própria vida social. Para o historiador:

Os valores não são 'pensados', nem 'chamados'; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem nossas ideias. São as normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e 'aprendidas' no sentimento) no 'habitus' de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção cessaria (THOMPSON, 1981, p. 194).

Considerações Finais

Procurei mostrar neste texto a trajetória de vida de um sujeito singular da Amazônia que, em seu percurso como seringueiro e curandeiro, construiu uma rede de sociabilidade perpassada por múltiplos saberes.

Ao construir em torno de si uma liderança carismática capaz de juntar uma comunidade regional, nacional e internacional, Padrinho Sebastião assume a característica de mediador cultural significativo para a transmissão de saberes à coletividade que lidera, configurando-se, portanto, como um educador. Seus saberes de mateiro, rezador, parteiro, músico, curador e líder religioso fizeram dele também um filósofo-educador com um pensamento próprio que inspirou (e ainda inspira) uma gama de seguidores no Brasil e no mundo.

O estudo histórico da prática educativa e dos saberes de um sujeito não letrado pressupõe, contudo, o alargamento de determinada noção de educação que, na história da pedagogia, esteve limitada aos processos formativos de natureza escolar. Trabalhando em outro registro analítico, a concepção de educação em foco entende-a como prática social presente em todas as ocasiões da formação de indivíduos e grupos e na qual atuam como mediadores diferentes agentes, nem sempre vinculados ao modelo em voga de professor em sua versão escolar, formal, ocidental, moderna. Tal é o caso, por exemplo, da educação mediada por um sujeito 'sem-educação', cujos saberes se ampliaram a partir do contato com certas plantas professoras como a ayahuasca ou daíme.

Tal perspectiva de análise encontra solidez nas contribuições advindas do campo da História Cultural, cujos estudos evidenciam, segundo Fonseca (2003, p. 67), um deslocamento do interesse: das instituições para os indivíduos, das políticas governamentais ou do pensamento pedagógico para as práticas cotidianas, abrindo, portanto, possibilidades para o necessário alargamento da concepção hegemônica de educação. Para a autora, a História Cultural coloca ao pesquisador da educação a necessidade de se "extravasar o mundo da escola, para o enfrentamento de outras dimensões dos processos e das práticas educativas", nas quais pudessem estar envolvidas comunidades e/ou indivíduos periféricos (FONSECA, 2003, p. 67).

A identificação de Sebastião Mota como filósofo e educador vai de encontro à certa relação geográfico-ideológica que delimita a Europa como centro da história e da filosofia, bem como visa contribuir com o projeto de descolonização da reflexão filosófica. Pretende, ainda, uma descontinuidade com o projeto moderno de epistemologia, assentado na soberania da ciência e da educação escolar como formas exclusivas de produção do conhecimento. É essa soberania epistêmica que ocasiona um epistemicídio de saberes e um desperdício de experiências que não se encaixam nos cânones dominantes, conforme tem denunciado Santos (2008).

Ao dar visibilidade à educação e aos saberes de um seringueiro analfabeto que foi capaz de construir uma rede de sociabilidade centrada na espiritualidade com as plantas professoras, pretendo, por fim, evidenciar a existência de múltiplos lugares de aprendizagem e agentes da educação muitos dos quais invisibilizados pela pedagogia ocidental, ainda atrelada aos estreitos marcos de uma razão fechada, ao tempo em que convido o leitor a abrir-se a outros horizontes pedagógicos e epistemológicos.

Referências

- ADOUM, Jorge. **Poderes ou o livro que diviniza**. São Paulo: Pensamento, 2001.
- ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. **Padrinho Sebastião**: máximas de um filósofo da floresta. Belém: EDUEPA, 2009.
- ALVERGA, Alex Polari de. **O Evangelho segundo Sebastião Mota**. Boca do Acre: CEFURIS Editorial, 1998.
- BERTUCCI, Iliane Maria; FARIA FILHO, Luciano Mendes; OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **Edward P. Thompson**: História e formação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A cultura do povo e a educação popular: sete canções de militância pedagógica. In: BEZERRA, Aida (Org.) **A questão política da educação popular**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. pp.122-135.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- ELLSWORTH, Elizabeth. **Places of learning**: media, architecture and pedagogy. New York: Routledge, 2005.
- FONSECA, Thaís Nívia de Lima. História da Educação e história cultural. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívia de Lima (Orgs.) **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. pp. 43-75.
- FONTES, Luis Torres. Prefácio. In: HUXLEY, Aldous. **As portas da Percepção e Céu e Inferno** Porto: Via Ótima, Oficina Editorial, 2008, pp. 7-25.
- FRÓES, Vera. **Santo Daíme, cultura amazônica**: história do Povo Juramidam. Manaus, Suframa, 1986.
- GIARD, Luce. Artes de Nutrir. In: CERTEAU, M.; GIARD, Luce; MAYIOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar, 9. ed., Petrópolis: Vozes, 2009. pp. 211-233.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GOULART, Sandra Lúcia. O contexto de surgimento do culto do Santo Daíme: formação da comunidade e do calendário ritual. In: LABATE, Beatriz

Caiuby; ARAUJO, Wladimir Sena (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2002. pp. 313-338.

GOULART, Sandra Lúcia; LABATE, Beatriz Caiuby; CARNEIRO, Henrique. Introdução. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lucia (Orgs.). **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado de Letras, 2005. pp. 29-55.

WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 32-48, jan./abr., 2015.

HUXLEY, Aldous. **As portas da Percepção e Céu e Inferno**. Porto: Via Ótima, Oficina Editorial, 2008.

MORTIMER, Lúcio. **Bença, Padrinho**. São Paulo: Edição Céu de Maria, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2008 (Col. Para um novo senso comum, v. 4).

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. **Projeto História** – Revista do Dep. de História da PUC-SP, São Paulo, n. 15, p. 51-71, abr. 1997.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

[1] As entrevistas foram realizadas de modo esporso, sobretudo, nos anos de 2015 e 2016 em diversos lugares por onde encontrei parentes e amigos de Sebastião Mota, em particular, em Rio Branco- AC e na Vila Céu do Mapiá (AM), comunidade fundada por ele em 1983. Uma vez que se trata de um estudo em andamento, optei por tornar fictício o nome dos narradores, cujas falas estão em itálico no texto.

[2] Colônia Cinco Mil refere-se ao fato de que "com a desativação do seringal Empresa, a terra foi loteada em colônias e vendidas a cinco mil cruzeiros antigos, cada uma" (FRÖES, 1986, p. 53-4).

[3] O termo psicoativo engloba, "o conjunto das plantas e substâncias químicas que agem sobre a mente" (GOULART; LABATE; CARNEIRO, 2005, p. 30).

[4] Existem, atualmente, igrejas ligadas ao Padrinho Sebastião em países como Portugal, Espanha, Itália, Holanda, Bélgica, França, dentre outros.

[5] As preleções do Padrinho Sebastião foram publicadas no livro: "O Evangelho segundo Sebastião Mota de Melo" (ALVERGA, 1998).

[6] Depoimento que serve de Prefácio ao livro Padrinho Sebastião: máximas de um filósofo da floresta (ALBUQUERQUE, 2009, p. 18).